

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Gabriela Soares Nascimento Mesquita – (CB/UEPB)
gabrielasoaes06@hotmail.com

Kelly Marcelle Cunha Silva Canuto – (CB/UEPB)

Jaqueline Barbosa de Souza – (CB/UEPB)

Maria José Guerra – (DE/UEPB)

mariajguerra@superig.com.br

RESUMO

Ensinar na perspectiva da Educação Inclusiva (EI) é um grande desafio. O problema que se coloca concretamente é como formar professores para essa modalidade de ensino que venha elevar a qualidade dessa educação e satisfazer as necessidades de aprendizagem. Objetivou-se, com este estudo, investigar as percepções dos docentes pesquisados sobre o nível de conhecimento adquirido, durante a sua formação inicial e continuada acerca da EI e identificar experiências, dificuldades e receios existentes para sua atuação na sala de aula com aluno especial. Adotou-se a pesquisa com abordagem quantitativa e método descritivo. Aplicou-se um questionário para coleta de dados, no universo de 30 professores atuantes, em Escolas públicas de Ensino Fundamental, Médio, e Escola pública Federal de Ensino Médio e Técnico/Profissionalizante (IFPB) e, em Universidades Públicas. Buscamos apoio teórico nos estudos de Carvalho (2000), Castanho e Freitas (2005), Duk (2006), Krebs (2006), Lidio e Camargo (2008), Ribeiro e Benite (2010), Sánchez (2005), Zulian e Freitas (2001), entre outros. Na análise, a percepção da maioria dos professores, foi que educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. Destacou-se também a escassez de práticas efetivas que preparem o professor para EI. Conclui-se que é necessária uma reestruturação nos cursos de formação de professores, além de melhor divulgação do tema, a fim de oferecer o aparato imprescindível para que o professor possa ter os conhecimentos e habilidades necessárias para educar na diversidade.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Formação de professores; Ensinar na diversidade.

ABSTRACT

Teaching the perspective of the Inclusive Education (EI) is a great challenge. The main difficulty is how to form teachers for this modality of teaching that increase the quality of this education and satisfy the necessities of apprenticeship. This study aimed to

investigate the perceptions of teachers about the level of knowledge acquired during their initial and continuing training in relation to EI and to identify experiences, existing difficulties and fears for his performance in the classroom with special student. It was adopted a research with quantitative approach and descriptive method. Thus, it was applied a questionnaire to gather data on the universe of 30 teachers working in Public Elementary and High Schools, Federal School of professional (vocational) and technological education (IFPB) and Public Universities. Moreover, it was sought theoretical support in studies from Carvalho (2000), Brown and Freitas (2005), Duk (2006), Krebs (2006), Iain and Camargo (2008), Ribeiro e Benite (2010), Sánchez (2005), Zulian and Freitas (2001), among others. The results indicated the most of the teachers consider that inclusive education is a political, cultural, social and pedagogic action in defense of the right of all the pupils of being together, learning and participating, without discrimination of any kind. It also was noted a shortage of effective practices that should prepare the teacher for EI. It is concluded that is needed a restructuring in teacher training courses, and better dissemination of the theme in order to provide the necessary apparatus for the teacher may have the necessary knowledge and skills to educate on diversity.

Keywords: Inclusive Education; Teachers Training; Teaching in diversity.

Introdução

Ensinar constitui um processo de aprendizagem contínua e envolvimento pessoal na construção permanente de novos conhecimentos e experiências educacionais, as quais preparam o professor para resolver novas situações ou problemas no dia a dia escolar. Portanto, tal processo deve ser compreendido como uma arte que consiste na atividade principal da profissão de um professor, onde este é considerado um mediador no processo ensino – aprendizagem, porém, um “eterno aprendiz” (DUK, 2006; KREBS, 2006).

É importante enfatizar que ensinar na perspectiva da educação inclusiva é um grande desafio. Exige, pois, do professor uma formação consistente e imprescindível que deve satisfazer as necessidades de aprendizagem de qualquer aluno no sistema educacional, sejam quais forem as suas características pessoais, psicológicas ou sociais (com independência de ter ou não deficiência), pois, antes de tudo, a educação inclusiva é uma questão de direitos humanos (SÁNCHEZ,2005).



Duk (2006), descreve que a formação docente reflete uma perspectiva tradicional homogeneizadora, centrada na transmissão de conhecimentos teóricos e fragmentados entre si que nem sempre cria as bases para o desenvolvimento profissional contínuo dos docentes no que tange ao seu papel e função de educador e nem se articula com o aperfeiçoamento de práticas de ensino pedagogicamente mais efetivas e inclusivas.

Portanto é necessário que a formação inicial de nossos professores seja repensada para que possamos encontrar soluções compatíveis com a urgente necessidade de melhorarmos as respostas educativas em relação ao processo de ensino/aprendizagem de nossas escolas, para todos que nela convivem (CARVALHO, 2000). Além disso propõe-se que essa formação do professor seja uma construção contínua a fim de preparar o professor para a diversidade, pois a Educação Inclusiva só terá seus objetivos alcançados se todos os envolvidos neste processo vivenciarem atitudes e valores, tendo um olhar educativo coletivo e criativo (ZULIAN & FREITAS, 2001).

Mediante esta perspectiva, o objetivo deste estudo foi avaliar entre os docentes entrevistados quais as percepções sobre educação inclusiva, a partir de evidências já dadas no texto das respostas fornecidas pelos mesmos, que serão interpretadas à luz do que cada entrevistado considera como preparação e nível de conhecimento adquirido durante sua formação para conviver com o aluno especial. Busca-se ainda, identificar no professor pesquisado se há presença de experiência, dificuldades/receios e estratégias no âmbito de uma educação inclusiva. Nosso interesse é poder captar sugestões sobre as condições necessárias para melhorar os cursos de formação de professores em relação à educação especial.

Metodologia

Em relação aos procedimentos metodológicos, essa pesquisa foi do tipo descritiva e com abordagem quantitativa, tendo como amostra Três grupos de professores atuantes, apresentados na **Tabela 1**.

Tabela 1 - Representação dos grupos pesquisados.

GRUPOS	
1	Professores de Escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio
2	Professores de Escola pública de Ensino Médio e Técnico Profissionalizante
3	Professores de Universidades Públicas

Fonte - Autoria própria.

A seleção da amostra ocorreu de forma aleatória, sendo pois, sujeitos da pesquisa 30 pessoas divididos em 3 grupos de 10 pessoas em cada grupo, todos da cidade de Campina Grande - PB. Aplicou-se um questionário como instrumento para a coleta de dados. Feito isso, passou-se a identificar os perfis dos professores e, em seguida foram traçados mediante questões como sexo, idade, formação, tempo que atua como professor, e vínculo com a instituição. O questionário abordou essencialmente dimensões sobre a educação inclusiva, tais como: a percepção predominante, o nível de preparo e conhecimento adquirido durante a formação, experiências, dificuldades/receios e estratégias no âmbito da educação inclusiva. Além de proporcionar espaço para sugestões.

Resultados e discussão

O perfil dos envolvidos esboçado na **Tabela 2**, mostra que 60% dos professores entrevistados foram do *sexo* masculino, 46% com idades entre 26 e 35 anos. Quanto a *formação*, apenas 3% possuem apenas graduação, estes correspondem a professores de escolas públicas. 40% apresentam doutorado, sendo 17% do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e 23% de universidades públicas. 80% atuam como professores num período de um a nove anos. E 90% possuem vínculo efetivo na instituição.

Tabela 2 - Dados referente ao perfil dos professores envolvidos na pesquisa.

		Professores de escola pública	Professores do Instituto federal	Professores de Universidade
SEXO	FEMININO	3%	17%	20%
	MASCULINO	30%	17%	13%
IDADE	26 - 35 anos	23%	16%	7%
	36 - 45 anos	10%	10%	20%
	46 - 55 anos	0%	7%	7%
FORMAÇÃO	GRADUAÇÃO	3%	0%	0%
	ESPECIALIZAÇÃO	23%	3%	0%
	MESTRADO	7%	14%	3%
	DOUTORADO	0%	17%	23%
	PÓS-DOUTORADO	0%	0%	7%
TEMPO QUE ATUA COMO PROFESSOR	1 - 9 anos	20%	33%	27%
	10 - 18 anos	10%	0%	0%
	19 - 27 anos	3%	0%	7%
VÍNCULO	EFETIVO/CONCURSADO	27%	33%	30%
	CONTRATO TEMPORÁRIO	7%	0%	3%

Fonte - Autoria própria.

Os professores foram questionados sobre a percepção existente quanto a educação inclusiva (EI). Com isso, as respostas foram divididas em quatro grupos, como mostra a **Tabela 3**. Onde 50% veem a educação inclusiva como uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação.

Tabela 3 - Respostas referente a percepção dos entrevistados sobre EI.

A	Processo que se amplia a participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular.	14%
B	Modalidade de educação, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais de ensino.	22%



C	Processo de adaptação do ensino, reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas na escola de modo que estas respondam à diversidade dos alunos.	14%
D	É uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação.	50%

Fonte - Autoria própria.

Estudar as percepções do corpo docente sobre inclusão é relevante para entender como eles pensam para, a partir daí, serem tomadas novas atitudes.

Importa, então, realçar que o professor adquira uma visão crítica e reflexiva sobre o assunto, capaz de interpretar, compreender e, o mais importante de tudo, questionar. Pois ele será o responsável pela seleção curricular nas escolas e deverá se adaptar aos conteúdos, práticas avaliativas e atividades de ensino e aprendizagem. Os professores formadores devem ser os primeiros a se prepararem, pois só serão formados profissionais aptos para inclusão se os próprios formadores tiverem percepção sobre o assunto (RIBEIRO & BENITE, 2010).

Ao se abordar a Educação Inclusiva, nada mais relevante do que destacar a preocupação com a formação e qualificação de profissionais no desempenho, com competência, de uma educação de qualidade (ZULIAN & FREITAS, 2001).

Quando questionados sobre a preparação e o nível de conhecimento adquirido 36% dos professores afirmaram não ter tido nenhum componente curricular sobre educação inclusiva durante sua formação. 15% relacionam a falta de contato com o tema, devido não ter feito licenciatura. 16% mencionam que a universidade não promoveu eventos nem cursos sobre o EI. 14% não participaram de cursos de extensão nem eventos. 7% diz que teve apenas uma eletiva, enquanto que 8% relata ter tido um componente curricular eficiente sobre o tema. E apenas 4% relataram ter feito estágio supervisionado e que teve contato com alunos portadores de necessidades especiais.

Sobre a participação em cursos e programas de capacitação apenas 7% responderam que sim, enquanto que 93% não.

Segundo Zulian & Freitas (2001), a formação do professor deve contemplar a reflexão sobre os valores da educação, vivência interdisciplinar, trabalho em equipe, pesquisa e construção de competências. E as universidades devem preparar o professor para a diversidade, com isso, vemos que é necessário que estas reorganizem seus programas curriculares, pesquisando, estudando e redefinindo os paradigmas educacionais, revisando estratégias e conteúdos de formação no âmbito da Educação Inclusiva.

Para o professor deve haver qualificação profissional de maneira que ele saiba distinguir todas as diferentes formas de aprender que os alunos apresentam em uma mesma sala de aula e o *locus* inicial em que ele deve adquirir esses fundamentos é a formação inicial, ou seja, seu curso de graduação. Logo é preciso considerar a formação do professor para a educação inclusiva como parte integrante do processo de formação geral, e não como um apêndice dos seus estudos ou um complemento (RIBEIRO & BENITE, 2010).

Quanto a experiência em incluir alunos com necessidades especiais, 53% dos professores já tiveram contato com a educação inclusiva, enquanto que 47% ainda não possuem experiências.

Outra questão abordada foi sobre as dificuldades em incluir alunos com necessidades especiais em salas de aula regular e estratégias de ensino utilizadas por professores que já possuem experiência. E como demonstra o **Tabela 4**, a falta de experiência consiste na principal dificuldade relatada pelos entrevistados, seguida da falta de formação, e a necessidade de modificar o método de ensino.

Tabela 4 - Dificuldades ao incluir aluno com necessidades especiais.

Dificuldades	
18%	Falta de formação
20%	Falta de experiência
4%	Apoio técnico
14%	Necessidades diferenciadas

14%	Método de ensino
6%	Números de alunos
0%	Apoio da família
10%	Infraestrutura e materiais
0%	Disponibilidade pessoal
6%	Preconceito
8%	Problemas de comportamento ou as necessidades apresentadas pelos alunos

Fonte - A autoria própria.

Quanto as estratégias utilizadas durante suas experiências, 33% dos professores buscaram novos métodos de ensino, uma forma diferenciada de desenvolver o conteúdo, através de elaboração de material didático para a diversidade e atividades lúdicas. 22% relataram ter tido uma atenção redobrada e prestado atendimento individualizado sempre que preciso. 17% ministraram aula mais lentamente. 11% adaptaram as avaliações. 11% buscaram se capacitar através de cursos e pesquisas informais. E 6% buscaram fazer com que os alunos participassem e que houvesse respeito em sala de aula.

A inclusão exige rupturas e busca de alternativas e formação do professor e práticas educativas diferenciadas, voltadas ao uso das novas tecnologias da informação e comunicação (LIDIO & CAMARGO, 2008).

Os professores que ainda não possuem experiência foram questionados sobre os receios em incluir alunos com necessidades especiais. Logo, 50% mencionaram que o maior receio é não está capacitado (falta de formação, conhecimento e prática), 36% têm medo de que o aluno não consiga acompanhar as aulas, devido à falta de comunicação, métodos de ensino ou termos técnicos das disciplinas. Apenas 14% relataram não possuir receios, pois veria como uma oportunidade. E a estratégia seria incluir verdadeiramente o aluno na disciplina e aprender juntamente com ele a desenvolver as estratégias necessárias ao seu aprendizado, juntamente com toda a comunidade acadêmica.

As sugestões para melhorar os cursos de formação de professores giraram em torno de adaptações no currículo escolar, com obrigatoriedade de pelo menos um componente curricular sobre o tema, sendo para curso de licenciatura, como também bacharelado. Oferta de cursos de capacitação, eventos, promoção de oficinas, debates, além de estágios com finalidade de conhecer novas práticas de ensino e melhorar a construção do conhecimento e a vivência da educação inclusiva no ensino superior.

Segundo Castanho e Freitas (2005), o docente necessita de capacitação, ou seja, um preparo para garantir o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos necessários a uma ação segura. É importante a formação e qualificação de professores, para atuarem frente à diversidade e desempenhar uma educação de qualidade.

Conclusão

Conclui-se, portanto que é necessária um repensar acadêmico, sobretudo nos cursos de licenciaturas sobre a formação de professores, a fim de oferecer o aparato imprescindível para promover uma educação para todos, voltada para a especificidade da Educação Inclusiva e de qualidade. Onde o professor, como mediador do processo de ensino - aprendizagem possa conquistar os conhecimentos, habilidades e competências necessárias para educar na diversidade.

Referências

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre, 2000.

CASTANHO, D. M.; FREITAS, S. N. Inclusão e prática docente no ensino superior. Centro de Educação. **Revista Brasileira de Educação Especial**, n. 27, Santa Maria, RS, 2005.

DUK, C. **Educar na diversidade: material de formação docente**. 3. ed. Brasília: [MEC, SEESP], 2006. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/educarnadiversidade2006.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2014.

KREBS, R. J. A teoria bioecológica do desenvolvimento humano e o contexto da educação inclusiva. **Revista da Educação Especial**, Brasília, ano 2, n. 02, p. 40-45, Jul. 2006.

LIDIO, V. M.; CAMARGO, M. A. B. de. A percepção do docente na inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino superior. **Rev. Triang.: Ens. Pesq. Ext.** v. 1, n. 1, p. 04-19, Uberaba – MG, jul./dez. 2008.

RIBEIRO, E. B. V.; BENITE, A. M. C. A educação inclusiva na percepção dos professores de química. **Rev. Ciências e educação**.v.16, n. 3, p. 585 594. Goiânia, 2010.

SÁNCHEZ, P.A. A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. **Revista da Educação Especial**, Brasília, p. 7-18, Out. 2005.

ZULIAN, M.S.; FREITAS, S. N. Formação de professores na educação inclusiva: aprendendo a viver, criar, pensar e ensinar de outro modo. **Revista da Educação Especial**, Brasília, n. 18, 2001.